
Prevalência de ansiedade e fatores associados em adolescentes: uma Revisão Integrativa da Literatura

Yasmin Marques Castro^a, Tyele Goulart Peres^b, Rinelly Pazinato Dutra^a

^aPrograma de pós-graduação em Saúde Pública, Faculdade de medicina, Universidade Federal do Rio Grande, Rua Visconde de Paranaguá, 102, Campus Saúde. 96203-900. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

^b Programa de pós-graduação em Ciências da Saúde, Faculdade de medicina, Universidade Federal do Rio Grande, Rua Visconde de Paranaguá, 102, Campus Saúde. 96203-900. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

***Autor correspondente:** Yasmin Marques Castro, especialista em Avaliação psicológica, Psicodiagnóstico e Neuropsicologia, Rua Visconde de Paranaguá, 102, Campus Saúde. 96203-900. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. (53) 3233031; yasmin.mcastro@gmail.com.

Data de submissão: 26-06-2022

Data de aceite: 17-08-2022

Data de publicação: 05-09-2022



10.51161/editoraime/105/77 

RESUMO

Introdução: Os transtornos de ansiedade são considerados extremamente incapacitantes, pois geram prejuízos em diversas esferas da vida do sujeito, e os adolescentes por se encontrarem em um período de importante desenvolvimento são considerados uma população com risco elevado para a instalação desse transtorno. **Objetivo:** Apresentar as prevalências e os principais fatores associados à ansiedade em adolescentes. **Material e Métodos:** Foi efetuada uma busca nas bases de dados PubMed, BVS – Biblioteca Virtual em Saúde (Lilacs, Medline, IBECs) e Scielo, onde se apresentaram elegíveis 14 estudos, todos de delineamento transversal. **Resultados:** Foram encontradas altas prevalências de sintomas ansiosos, algumas chegando até 68%, porém em média as prevalências foram de 18,1% a 28,7%, e a menor prevalência de 4,5%. Os fatores associados foram: o sexo feminino, consumo de álcool, baixa qualidade do sono, prática irregular ou inexistente de atividades físicas, maior tempo gasto com mídias sociais ou internet, eventos traumáticos, relacionamentos interpessoais negativos e baixo apoio social, emocional ou psicológico. **Conclusão:** Os achados desta revisão sugerem que os sintomas de ansiedade podem ser comuns na adolescência, o que vai ao encontro da literatura científica, contudo, os transtornos de ansiedade podem ser subestimados nessa população devido a outras problemáticas que permeiam esse período. Diante disso, salienta-se a necessidade de uma observação mais atenta aos adolescentes, principalmente as meninas, pois dessa forma acredita-se que seja possível tratar e até mesmo prevenir casos mais graves do transtorno.

Palavras-chave: Ansiedade; adolescentes; prevalência; revisão integrativa.

1 INTRODUÇÃO

A ansiedade é considerada uma emoção natural que se manifesta através de sintomas físicos e cognitivos, gerando principalmente angústia, tensão, inquietação e que pode surgir frente a uma situação de medo. Esses sintomas caracterizam-se como transtornos de ansiedade, quando se tornam constantes e excessivos e passam a comprometer a saúde do indivíduo negativamente (SADOCK, SADOCK & RUIZ, 2017). No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5, os transtornos de ansiedade são classificados dentro de uma ampla gama de subtipos, sendo os mais comuns: transtorno de pânico, transtorno de ansiedade generalizada, fobias e agorafobia (APA, 2014).

Os transtornos de ansiedade apresentaram um aumento expressivo nos últimos anos, principalmente durante a pandemia da COVID-19, com um crescimento de 25% na prevalência na população mundial, sendo mulheres e jovens os mais acometidos (SANTOMAURO et al., 2020). Thiengo, Cavalcante & Lovisi (2014) relatam através da sua revisão sistemática, que o transtorno de ansiedade é uma das psicopatologias mais frequentes no período da adolescência, estimando suas prevalências entre 3,3% a 32,3%. Além disso, por ser um período complexo, dada às questões neurobiológicas e psicológicas, a adolescência torna-se um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais (CUNHA, 2021).

O período da adolescência é a fase que se encontra entre a infância e a idade adulta, marcada por um importante desenvolvimento biológico e psicológico, assim como a concepção dos papéis sociais e a construção da identidade do sujeito (CARNEIRO, 2015). A faixa etária da adolescência ainda é divergente no cenário científico. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera-se a idade entre os 10 aos 19 anos, porém Sawyer et al. (2018) acredita que a extensão desse grupo até os 24 anos corresponde de forma mais apropriada ao real crescimento e desenvolvimento biológico, social e neurocognitivo.

É importante mencionar que os problemas de saúde mental podem ser duradouros, persistentes e são passíveis de causar impactos no rendimento escolar e nas relações tanto familiares quanto sociais dos adolescentes, tendo repercussões, inclusive, na vida adulta, quando não tratados (WHO, 2001; BELFER, 2008, PATEL et al., 2007). Além disso, os transtornos neuropsiquiátricos são responsáveis por cerca de 45% dos anos de vida perdidos por incapacidade na faixa etária dos 10 aos 14 anos (GORE et al., 2011).

Cabe destacar que na busca de referências para robustecer o aporte teórico acerca da temática, foram encontradas poucas revisões integrativas que tiveram como objeto de estudo reunir o que há na literatura sobre a prevalência e fatores associados à ansiedade em adolescentes. Com base nesses apontamentos, percebe-se a necessidade de aprofundar a compreensão deste fenômeno, com vistas a facilitar a identificação precoce da sintomatologia na fase da adolescência, evitar a progressão para transtornos mais severos e possibilitar uma melhor qualidade de vida a esta população. Ademais, o conhecimento

dos fatores de risco relacionados aos sintomas ansiosos na adolescência pode contribuir para o desenvolvimento de programas e ações voltadas para a prevenção ou até mesmo atenuação do efeito desta psicopatologia. Frente a estes aspectos, o objetivo do presente estudo foi verificar as prevalências de ansiedade em adolescentes, bem como compreender as variáveis que se encontram associadas a essa sintomatologia e os principais instrumentos utilizados nesses estudos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para o presente estudo, foi empregado o método de revisão integrativa, levando em consideração as etapas sugeridas por Silva, Souza & Carvalho (2010), tendo em vista que esta abordagem possibilita uma síntese de resultados obtidos em estudos originais de forma ampla e sistemática, com o intuito de responder a um ou mais problemas de pesquisa. Desta maneira, a revisão integrativa é considerada um método criterioso capaz de fornecer melhores conhecimentos a respeito de um problema de pesquisa (ERCOLE; MELO & ALCOFORADO, 2014). Com isso buscou-se responder a seguinte problemática: Quais as prevalências e os principais fatores associados à ansiedade em adolescentes? Utilizando os descritores: (prevalence) AND (“associated factors”) AND (anxiety OR “anxiety disorder”) AND (teenagers OR adolescents OR teens), e investigação desses dados nas seguintes bases: PubMed, BVS – Biblioteca Virtual em Saúde (Lilacs, Medline, IBECs) e Scielo.

Foram incluídos nesta revisão os estudos realizados entre 2012 a 2022, nos idiomas espanhol, inglês e português, que apresentassem como objetivo estimar a prevalência e os fatores associados à ansiedade em adolescentes, concomitantemente. A população foi definida pela faixa etária de 10 a 24 anos, não sendo especificada quanto ao seu contexto.

Recursos visuais, como quadros, gráficos e nuvem de palavras foram utilizados para elucidar a apresentação da busca dos artigos e resultados da pesquisa. Na Figura 1 é retratado o fluxograma de seleção dos artigos, onde foram identificados ao todo 570 registros, após remoção dos duplicados, obteve-se 316 estudos, que tiveram seus títulos lidos. Dessa primeira leitura, foram excluídos 299 artigos por não contemplarem os critérios de elegibilidade, restando 18 estudos para leitura íntegra, e desta forma, 14 estudos foram considerados elegíveis para compor esta revisão.

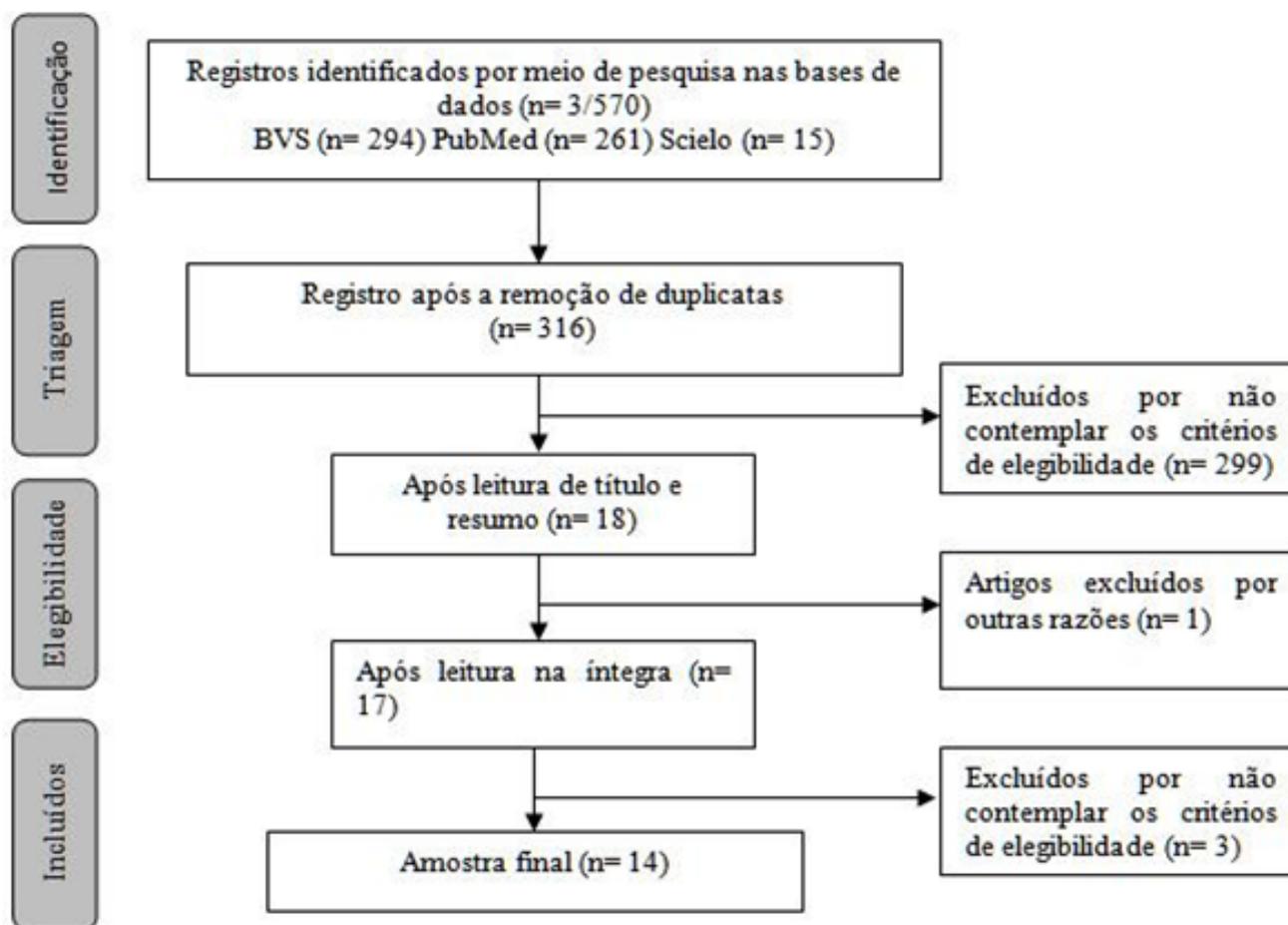
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo quatorze estudos foram selecionados (Quadro 1), totalizando 67.647 participantes, sendo a maioria dos estudos de recorte transversal (n= 13). Os países mais evidenciados foram: Bangladesh (n= 2), China (n= 2) e Colômbia (n= 2). Não foram observados estudos no período de 2012 a 2015, assim como no ano de 2018. O maior número de publicações sobre o tema foi a partir do ano de 2020 a 2022 (n= 9), o que pode estar relacionado com o aumento da prevalência de casos dos transtornos de ansiedade na

população geral em decorrência da pandemia da COVID-19 (SANTOMAURO, 2021).

Em relação aos instrumentos, conforme o Quadro 2, destacaram-se os mais utilizados: o GAD-7 (Generalized Anxiety Disorder), SPIN (Social Phobia Inventory), CIDI-CAPI (Composite International Diagnostic Interview), e MINI (Mini International Neuropsychiatric Interview) e SCARED (Scala Screen for Child Anxiety Related Disorders), sendo a maioria deles comumente utilizados em estudos que avaliam este construto em adolescentes (BATISTA & SOARES 2017).

Figura 1. Fluxograma de apresentação do processo de seleção dos artigos, realizado a partir de uma adaptação do modelo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses*).



Fonte: Adaptação elaborada pelas autoras, 2022.

Quadro 1. Distribuição dos artigos incluídos na revisão integrativa segundo: título, autor/ ano da publicação, periódico, país de origem.

Nº	Título	Autores/Ano	Periódico	País	Objetivo	Delineamento
01	Transtornos depressivos e ansiosos e fatores associados na população de adolescentes colombianos, Pesquisa Nacional de Saúde Mental 2015	Gómez-Restrepo, Carlos et al./ 2016	Revista Colombiana de Psiquiatria	Colômbia	Determinar a prevalência e os fatores associados aos principais transtornos mentais depressivos e ansiosos em adolescentes.	Transversal
02	Alta Magnitude do Transtorno de Ansiedade Social em Adolescentes Escolares	Mekuria, Kindie et al./ 2017	Psychiatry Journal	Etiópia	Avaliar a prevalência e os fatores associados de fobia social entre estudantes do ensino médio na Etiópia	Transversal
03	Prevalência de transtornos psiquiátricos e fatores associados entre os jovens em Ravansar, Irã	Khazale, Habibolah et al./2019	Archives of Iranian Medicine	Irã	Avaliar a prevalência de transtornos psiquiátricos e seus fatores associados entre os jovens na província de Kermanshah, no Irã.	Transversal
04	Prevalência e determinantes de transtornos de ansiedade entre adolescentes em uma comunidade rural do norte da Índia	Madasu, Swapna et al./ 2019	Asian Journal of Psychiatry	Índia	Determinar a prevalência de transtornos de ansiedade e fatores associados entre adolescentes em uma comunidade rural do bloco Ballabgarh, distrito de Faridabad, Haryana	Transversal
05	Prevalência e correlações de sintomas de depressão e ansiedade entre meninas adolescentes e mulheres jovens fora da escola na Tanzânia: um estudo transversal	Kuringe, Evodius et al./ 2019	PLoS One	Tanzânia	Examinar a prevalência de depressão e ansiedade e fatores associados em uma amostra da comunidade de AGYW fora da escola na Tanzânia.	Transversal
06	Transtornos relacionados à ansiedade em adolescentes nos Emirados Árabes Unidos: um estudo transversal de base populacional	Al-Yateem, Nabeel et al./ 2020	BMC Pediatrics	Emirados Árabes Unidos	Determinar a prevalência de transtornos específicos relacionados à ansiedade e identificar correlações entre esses transtornos e variáveis demográficas.	Transversal

Continuando quadro 1

07	Transtornos mentais em adolescentes, jovens e adultos do Consórcio de Coortes de Nascimento brasileiro RPS (Ribeirão Preto, (Ribeirão Preto, Pelotas e São Luís), Brasil Pelotas e São Luís)	Orellan, Jessem Douglas Yamall et al./ 2020	Cadernos de Saúde Pública	Brasil	Estimar a prevalência de transtornos mentais (e depressão, risco de suicídio, fobia social e transtorno de ansiedade generalizada) em adolescentes, jovens e adultos verificando concomitantemente com variáveis sociodemográficas de coortes de nascimento de diferentes regiões do Brasil.	Longitudinal
08	Prevalência de Ansiedade e Fatores Associados em Adolescentes Chineses durante o Surto de covid-19	Qi, Han Liu et al./ 2020	Psychiatry and Clinical Neurosciences	China	Apresentar a prevalência de ansiedade e seus fatores associados entre adolescentes na China durante o surto de COVID-19.	Transversal
09	Sintomas de ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático em adolescentes durante o surto de COVID-19 e fatores associados	Selçuk, Engin Burak et al./ 2021	International Journal of Clinical Practice	Turquia	Determinar a gravidade dos sintomas de ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) em adolescentes durante o surto de COVID-19 e investigar os fatores associados a esses sintomas.	Transversal
10	Estresse, ansiedade e fatores associados em adolescentes grávidas e não grávidas em Medellín (Colômbia)	Oscar Alejandro Bonilla-Sepulveda/ 2021	Journal: Med. U.P.B	Colômbia	Comparar o grau de ansiedade e estresse em dois grupos populacionais de mulheres adolescentes e sua associação com a gravidez.	Transversal
11	Prevalência de depressão, ansiedade e fatores associados entre adolescentes em idade escolar em Bangladesh: achados de um estudo transversal	Islam, Md Saiful et al./ 2021	PLoS One	Bangladesh	Investigar a prevalência e os fatores associados à depressão e ansiedade entre adolescentes em idade escolar em Bangladesh.	Transversal
12	Sintomas de Ansiedade Social e Qualidade de Vida de Estudantes do ensino médio de Abha, Arábia Saudita	Alsamghan, Awad Saeed/ 2021	The Journal of Genetic Psychology	Arábia Saudita	Avaliar os sintomas de ansiedade social e explorar seu impacto na qualidade de vida de estudantes do ensino médio	Transversal

Continuando quadro 1

13	Prevalência e fatores associados de depressão, ansiedade e suicídio entre estudantes chineses do ensino médio durante o bloqueio do COVID-19	Peng, Xiaodan et al./ 2022	Current Psychology	China	Explorar a associação entre os efeitos do aprendizado em casa durante a pandemia e os riscos de depressão, ansiedade e suicídio entre estudantes do ensino fundamental e médio.	Transversal
14	Ansiedade entre adolescentes de escolas urbanas, semi-urbanas e rurais em Dhaka, Bangladesh: Investigando a prevalência e fatores associados	Affia Anjum et al./ 2022	PLoS One	Bangladesh	Investigar a prevalência de ansiedade e os fatores associados a essa condição entre adolescentes de escolas urbanas, semi-urbanas e rurais em Bangladesh.	Transversal

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Quadro 2. Distribuição dos artigos incluídos na revisão integrativa segundo: tamanho da amostra e faixa etária, instrumentos utilizados e resultados.

Nº	Amostra	Instrumentos	Resultados
01	1754 (12 a 17 anos)	CIDI-CAPI (Composite International Diagnostic Interview) para adolescentes.	A prevalência geral de ansiedade foi de 10,8%, sendo de 5,0%, 3,5% e 2,3% para as classificações “alguma vez na vida”, “últimos 12 meses” e “últimos 30 dias”, respectivamente. Os fatores que se apresentaram associados foram ser mulher OR: 2,36 (1,18 - 4,75), transtornos de afeto/ansiedade OR: 6,67 (2,32 - 19,0), ter presenciado pelo menos um evento traumático OR: 2,02 (1,04 - 3,93).
02	386 (16 a 19 anos)	SPIN (Social Phobia Inventory)	A prevalência geral de fobia social foi de 27,5%, apresentando como fatores associados à patologia: o sexo, mulheres apresentaram uma chance 3 vezes maior em relação ao homens – OR: 3,10 (1,82 - 5,27); consumo atual de álcool – OR: 1,75 (1,03 – 2,98); baixo apoio social – OR: 2,40 (1,17 – 4,92); e condição de vida dos estudantes, onde as chances foram maiores quando os adolescentes moravam ou moraram apenas com o pai – OR: 5,72 (2,98 -10,99), em comparação aos que moraram ou foram criados por ambos os pais.
03	313 (15 a 19 anos)	CIDI-CAPI (Composite International Diagnostic Interview)	A prevalência do transtorno de ansiedade generalizada entre os adolescentes foi de 4,5% e na população geral, 6,4%. Na amostra geral foram observados os fatores associados às maiores prevalências do TAG: ter sido casado(a) anteriormente – OR: 2,154 (1,14 – 4,15) em relação aos que nunca casaram. Demais variáveis não apresentaram significância estatística, para os adolescentes especificamente não houve fatores associados.

Continuando quadro 2

04	678 (10 a 19 anos)	MINI KID (Mini-International Neuropsychiatric Interview for Children/Adolescent) eCGAS (Children Global Assessment Scale).	Neste estudo, os transtornos de ansiedade foram classificados em: ansiedade social (14,3%), fobia específica (7,9%), transtorno de ansiedade generalizada (7,2%), transtorno de pânico (ao longo da vida) (7,2%), transtorno de pânico (atual) (6,6%), agorafobia (5,0%), ansiedade de separação (2,1%) e transtorno obsessivo compulsivo (1,03%), estimando uma prevalência geral de 22,5%. A prevalência ajustada por idade de transtornos de ansiedade em adolescentes em nosso meio rural foi de 16,6%. A ansiedade foi maior nas meninas (20,8%) do que nos meninos (12,9%), tendo elas duas vezes mais chances de transtornos de ansiedade em comparação com os meninos - OR: 1,8 (1,2 - 2,8), assim como o nível socioeconômico médio-baixo tiveram duas vezes mais chances de transtornos de ansiedade em comparação com aqueles pertencentes à classe alta - OR: 2,3 (1,3 - 3,7).
05	3.013 (15 a 23)	GAD-2 (Generalized Anxiety Disorder)	A faixa etária neste estudo foi dividida em dois grupos, 15-19 e 20-23 anos, sendo prevalência de ansiedade avaliada em 28,7% e 32,2%, respectivamente, na amostra geral foi estimada em 31%. As variáveis que se mantiveram associadas aos sintomas ansiosos após o ajuste foram: situação educacional, onde ensino médio incompleto/completo apresentou chance maior OR: 1,36 (1,07 - 1,74), em relação à categoria "Sem educação primária formal/incompleta"; composição familiar, na categoria "sozinho/irmãos mais novos/outro" maior chance OR: 1,49 (0,87 - 2,53) comparado a quem mora com pais/parentes ou irmãos mais velhos. Ter apoio emocional/psicológico diminui as chances em 28% OR: 0,82 (0,67 - 0,99), em relação a quem não recebe esse cuidado. Jovens HIV positivos OR: 1,54 (1,03 - 2,31) em comparação aos negativos, "ter vivido violência por parceiro sexual", também tiveram maiores chances em relação a quem não vivenciou OR: 1,63 (1,36 - 1,96); e aqueles "envolvidos com trabalho sexual" OR: 1,31 (1,04 - 1,65) em relação aqueles que não realizavam.

Continuando quadro 1

06	968 (13 a 18 anos)	SCARED (Scala Screen for Child Anxiety Related Disorders)	A prevalência de ansiedade na amostra geral foi de 28%, os subtipos pânico, generalizada, separação e ansiedade social foram respectivamente: 37,1%, 21,6%, 45,5% e 20%. Meninas tiveram pontuações médias mais altas para todos os tipos de transtornos de ansiedade, sendo a ansiedade geral estimada pela prevalência de 33,6% e meninos de 17,2%. Os participantes com idade <16 anos apresentaram maiores escores de ansiedade (24,6%), ansiedade generalizada (6,2%), ansiedade de separação (4,7%) e ansiedade social (5,2%) em comparação com >16, 22,3%, 5,3%, 4,3% e 4,7%, respectivamente. A análise multivariada mostrou que gênero e cuidador foram os principais fatores associados à ansiedade, ou seja, ser menina possui maior chance OR: 2,34 (1,45 – 3,73) em relação aos meninos e cujos participantes os cuidados principais eram “pai e mãe” tiveram menor chance OR: 0,30 (0,12 – 0,72) em relação a quem é cuidado por “outro”.
07	12.350 (18 a 39 anos)	MINI (Mini International Neuropsychiatric Interview)	Para este quadro serão utilizados os dados referentes ao transtorno de ansiedade generalizada com a faixa etária de 18 a 19 anos. O sexo feminino apresentou maior prevalência do transtorno em relação ao masculino, 14,5% contra 5,8%, na coorte de Pelotas. O TAG também foi mais prevalente no sexo feminino na coorte de São Luís, sendo 4,6% contra 2,2% do sexo masculino. Em Pelotas, a menor escolaridade da mãe em anos de estudo apresentou maiores prevalências de TAG, onde 0-4, 5-8, 9-11 e 12 ou mais anos de estudos, demonstraram 10,8%, 10,6%, 9,3% e 7,2%, respectivamente. Em São Luís, os mesmos grupos foram estimados em: 3,1%, 2,2%, 3,9% e 7,0%. Em relação à renda, sendo esta subdividida em tercils I, II e III, a prevalências foi de: 12,4%, 9,7%, 8,8% e 10,2%. Em SL apenas III tercil foi registrado, com prevalência de 3,5%.
08	9744 (11 a 20 anos)	GAD-7 (Generalized Anxiety Disorder)	19,0% dos adolescentes relataram sofrer de ansiedade. Sendo as prevalências de ansiedade leve, moderada e grave foram de 14,5%, 3,1% e 1,5%, respectivamente. Mulheres, estudantes do ensino médio OR: 1,29 (1,16 – 1,44), duração de sono <6h/dia OR: 2,27 (1,84 – 2,79), nível mais alto do ensino médio OR: 1,47 (1,31 – 1,65), estar preocupado com a graduação OR: 1,75 (1,57 – 1,95), e ter mais dever de casa do que antes OR: 1,91 (1,66 – 2,20) estavam todos significativamente associados a um risco aumentado de ansiedade. Foram fatores de proteção: conhecimentos sobre covid-19 OR: 0,84 (0,73 – 0,95), e sono >8h/dia OR: 0,75 (0,67 – 0,85).

Continuando quadro 2

09	447 (12 a 17 anos)	Level 2 Anxiety Scale	A prevalência de ansiedade moderada/alta nos participantes foi de 28%. Idade elevada aumenta em média 0,10 no score da escala de ansiedade, assim como residir em área urbana aumenta 0,11 e a presença de COVID-19 na família ou ambiente em 0,13, sendo essas as variáveis que se mostraram associadas significativamente.
10	125 (12 e 17 anos)	HAM-A (Hamilton Anxiety Rating Scale)	As prevalências de ansiedade geral foram de 68% no grupo 1 (grávidas), e de 64% no grupo 2 (não grávidas). De moderado/grave grupo 1 foi de 28,6% e grupo 2, 8%. As variáveis que se apresentaram associadas ao desfecho foram relações familiares ruins, com OR: 3,44 (1,49 – 8,88); consumo de álcool OR: 8,58 (1,28 – 364,2); e início da vida sexual OR: 1,77 (1,004 – 3,13).
11	563 (13 a 18 anos)	GAD-7 (Generalized Anxiety Disorder);	As taxas de prevalência de níveis moderados a graves de ansiedade foram de 18,1%. Com base na escala GAD-7, os resultados indicaram que os níveis de ansiedade mínimo, leve, moderado e grave tiveram taxas de 43,5%, 38,4%, 13,7% e 4,4%, respectivamente. Se manteve associada à faixa etária de 15-16 anos OR: 2,66 (1,8 - 6,00) em comparação aos 13-14 anos; relacionamento com amigos (ruim) OR: 2,10 (1,24 - 3,56) em relação ao "bom". Com isso, a maior faixa etária e a autopercepção de relacionamentos ruins com os amigos foram os fatores associados aos maiores níveis de ansiedade.
12	400 (16 a 18 anos)	SPIN (Versão árabe do Social Phobia Inventory)	45% dos alunos do ensino médio demonstraram sintomas de ansiedade social. <16 anos tiveram maior prevalência, 72,2%; aqueles que relataram doenças crônicas, 58,1%; e em que ambos os pais morreram, 83,3%.

Continuando quadro 2

13	39.751 (12 a 20)	GAD-7 (Generalized Anxiety Disorder)	A prevalência de sintomas de ansiedade durante a pandemia de COVID-19 foi de 20,3%, sendo as mulheres detentoras de 12,3% e os homens 8,0%. Foco em relação ao covid-19<3h OR: 1,50 (1,30 – 1,74) em relação à ≤1h; estar muito preocupado OR: 2,25 (1,97 – 2,57) e preocupado OR: 1,25 (1,16 – 1,35) em relação a não estar preocupado; por conta das medidas preventivas implementadas durante o COVID-19 OR: 1,68 (1,40 – 2,01); sexo feminino em relação ao masculino OR: 1,59 (1,48 – 1,71); terceiro ano do ensino médio OR: 1,46 (1,35 - 1,58) em relação ao quarto ano do ensino médio; aqueles que avaliaram o desempenho acadêmico “pobre” OR: 1,50 (1,36 – 1,65) em relação a quem avaliou “bom”; status de saúde “geral ou pobre” OR: 2,46 (2,19 – 2,76), “normal” OR: 3,39 (3,13- 3,67) em relação a “muito saudável”; qualidade do sono “pobre” OR: 11,29 (10,11 – 12,62) em relação a quem classificou como “bom”; ≤30min/dia de atividade OR: 1,31 (1,09 – 1,58) em relação à ≥60min/dia; e tempo online 1-2h/dia OR: 1,12 (1,02 – 1,23), 3-5h/dia OR: 1,37 (1,23 – 1,53) e ≥5h/dia OR: 1,85 (1,61 – 2,12).
14	2.355 (12 a 17 anos)	GAD-7 (Generalized Anxiety Disorder)	Cerca de 20,1% dos adolescentes apresentaram ansiedade moderada a grave, dessa prevalência 49,9% era do sexo feminino. A série do aluno (séries maiores), o nível educacional do pai (níveis maiores), o número de membros da família (maior número de membros) e o ambiente residencial (urbano) foram significativamente associados à ansiedade entre os adolescentes , segundo os autores. Em relação às variáveis de estilo de vida, apresentaram associações significativas alunos que não estavam envolvidos em atividade física, que praticavam 30min/dia , à noite e realizava AF irregular. O uso de mídias sociais teve alta significância estatística >2h/dia e aqueles que relataram sono insatisfatório <7h/dia.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

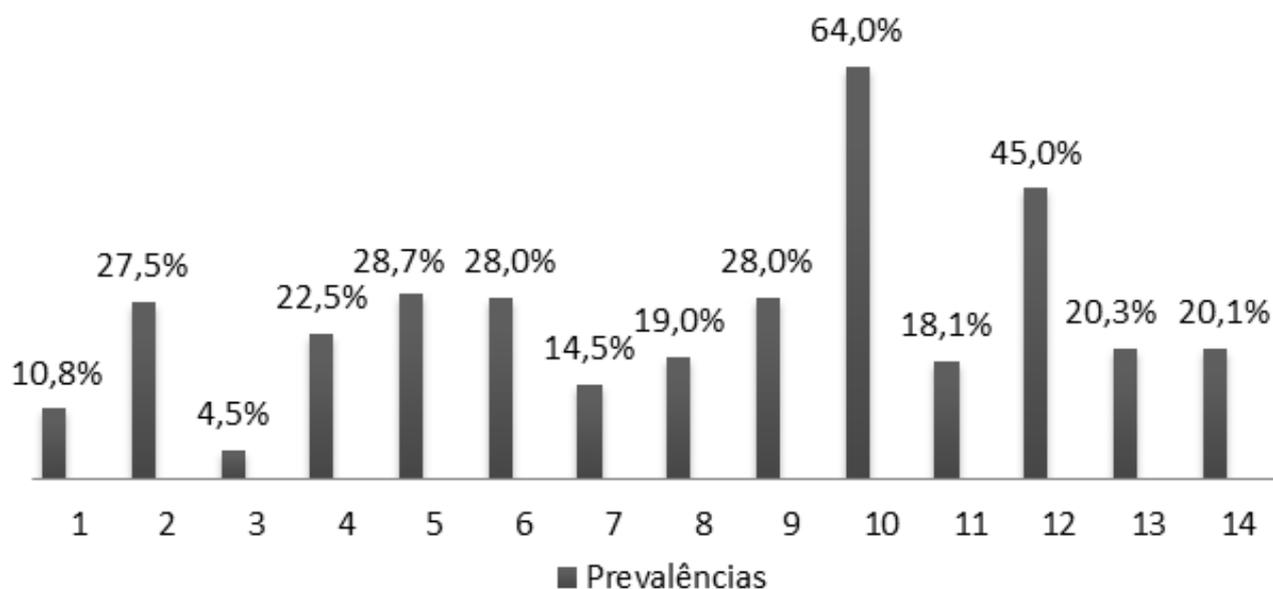
Prevalências de ansiedade em adolescentes

Em nossos achados, evidenciados pela Figura 2, é possível verificar que a maioria dos estudos apresenta prevalências de 18,1% a 28,7%, sendo a menor encontrada em um estudo realizado no Irã, estimada em 4,5% (KHAZAIIE *et al.*, 2019), o que se mostra de acordo com a literatura vigente, que apresenta prevalências de ansiedade em 20,5% (IC 95%, 17,2% - 24,4%) em revisão

sistemática sobre prevalência global dos sintomas (RACINE et al., 2021). No entanto, outros estudos demonstraram prevalências mais elevadas de ansiedade, como o estudo de Bonilla e colaboradores (2021), que objetivou comparar duas amostras de adolescentes grávidas e não grávidas. Apesar de não encontrar diferença significativa entre os grupos, as prevalências de ansiedade foram de 68% em adolescentes gestantes e 64% em adolescentes não gestantes.

Alsamghan (2021), também encontrou altas prevalências de ansiedade em adolescentes que chegaram a 45%. Demais estudos de revisão também identificaram prevalências que variaram de 3,3% a 32,3% (THIENGO, CAVALCANTE, LOVISI, 2014), e dados mundiais em cerca de 6,5% (POLANCZYK et al., 2015). Durante o período da pandemia da COVID-19 uma revisão encontrou uma prevalência de 34,5% de ansiedade em crianças e adolescentes (PANDA et al., 2021) e outra uma variação entre 1,8% a 49,5% (GOMES, 2022). Ambas apontaram que a grande maioria apresentava comportamento psicológico afetado negativamente pelo período em quarentena, e que aspectos como solidão, medo, distúrbios de sono e sofrimento psicológico também se mostraram associados aos sintomas ansiosos (PANDA et al., 2021; GOMES, 2022).

Figura 2. Gráfico de apresentação das prevalências por estudo.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Fatores associados à ansiedade nos adolescentes

Não foram encontradas outras revisões com o objetivo de verificar as prevalências e fatores associados à ansiedade em adolescentes, concomitantemente, desta forma buscou-se na literatura estudos que se dedicaram a compreender essas relações de forma individual. Em nossos resultados a principal variável associada ao desfecho, na grande maioria, foi o

sexo feminino (n= 9). Na pesquisa de Mekuria (2017), por exemplo, as meninas apresentaram uma chance três vezes maior de desenvolver o transtorno em relação aos meninos, assim como o estudo de Madasu (2019), que verificou a chance duas vezes maior, em outras revisões este achado parece também ser frequente (RACINA et al., 2021), evidenciando que mesmo na adolescência o gênero feminino encontra-se em maior risco de desenvolver transtornos de ansiedade, em outros registros essa ideia já é compreendida em relação às mulheres adultas, constatando, não só maior risco comparado aos homens, mas também maior gravidade, cronicidade e prejuízo funcional (KINRYS & WYGANT, 2005).

Observou-se que o uso de álcool também foi considerado associado à ansiedade (MEKURIA et al., 2017; BONILLA, 2021), porém não foram encontrados outros estudos de revisão para compor a discussão dessa variável. O tempo gasto em atividade física, não praticar ou praticar de forma irregular (PENG et al., 2022; ANJUM et al., 2022), assim como a baixa qualidade de sono e maior uso das mídias sociais ou internet (QI et al., 2020; PENG et al., 2022), apresentaram-se associados. Nessa perspectiva, outros estudos sustentam esses achados (CATALDO et al., 2021; ALONZO et al., 2021), apontando que as atividades físicas podem ser úteis a fim de melhorar sintomas ansiosos (CARTER, 2021).

Figura 3. Nuvem de palavras gerada com base nas variáveis que se apresentaram como principais fatores associados à ansiedade nos adolescentes.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Outras variáveis também apresentaram associações significativas, como: ter vivenciado eventos traumáticos (GÓMEZ-RESTREPO et al., 2016); ter sofrido violência por parceiro íntimo (KURINGE et al., 2019); e falecimento de ambos os pais (ALSAMGHAN, 2021). A baixa qualidade dos relacionamentos interpessoais com familiares e amigos também apresentaram significância em alguns artigos (BONILLA, 2021; ISLAM et al., 2021), assim como ter baixo apoio social, emocional ou psicológico (MEKURIA et al., 2017; KURINGE

et al., 2019). Um estudo anterior corrobora nossos achados no que diz respeito aos relacionamentos interpessoais negativos, sugerindo que o mesmo se encontra relacionado à ansiedade, definindo essa associação como bidirecional (CHIU, 2021). Para as demais variáveis supracitadas, não foram encontrados estudos anteriores para compor a discussão.

É possível visualizar em demais pesquisas de revisão, que os principais fatores associados à sintomatologia da ansiedade foram fatores biológicos (sexo), fatores ambientais (contexto socioeconômico, vínculos familiares e sociais, presenciar violência, etc.) e fatores neurobiológicos (genéticos ou adquiridos por histórico familiar de transtornos) (THIENGO, CAVALCANTE, LOVISI, 2014; GONÇALVES, SAMPAIO, 2016).

Logo abaixo apresenta-se um desenho esquemático em forma de nuvem composto pelas principais palavras dos fatores associados ao agravo em questão.

4 CONCLUSÃO

Os estudos apresentados nesta revisão foram realizados, em grande maioria, a partir do delineamento transversal, com adolescentes inseridos em diversos contextos. As prevalências de ansiedade foram verificadas através de instrumentos validados e próprios para este construto e amostra. Os transtornos de ansiedade, por sua vez, apresentaram um aumento expressivo nos últimos anos, principalmente durante a pandemia da COVID-19, sendo mulheres e jovens os mais acometidos.

Verificam-se através desta revisão, prevalências de 18,1% a 28,7%, incluindo dados de sobre a prevalência global dos sintomas. No entanto, alguns estudos demonstraram prevalências mais elevadas de ansiedade, chegando a 68%. Não foram encontradas outras revisões com o objetivo de avaliar as prevalências e fatores associados à ansiedade em adolescentes, desta forma buscou-se estudos que se dedicaram a compreender essa relação de forma individual. A principal variável associada ao desfecho, em quase todos os estudos, foi o sexo feminino, que apresentou chances três vezes maior de desenvolver o transtorno em relação aos meninos. Além disso, o uso de álcool, menor tempo gasto em atividade física, não praticar ou praticar de forma irregular, baixa qualidade de sono, maior uso das mídias sociais ou internet, ter vivenciado eventos traumáticos, ter sofrido violência por parceiro íntimo, falecimento de ambos os pais, baixa qualidade dos relacionamentos interpessoais com familiares e amigos e baixo apoio social, emocional ou psicológico foram variáveis associadas à prevalência de ansiedade em adolescentes.

Em relação às limitações observadas neste estudo, podemos citar o número reduzido das publicações originais, percebendo-se uma lacuna temporal entre 2012 a 2015 e 2018. Dessa mesma maneira outras revisões integrativas não foram encontradas com o mesmo objetivo de estudo, o que dificultou a discussão de nossos achados. Apesar das limitações citadas, a presente revisão se destaca por investigar uma temática ainda pouco explorada na literatura científica. Nossos achados apontam a necessidade de um olhar mais atento aos adolescentes, principalmente, às meninas, assim como a realização de intervenções

baseadas em psicoeducação, especialmente, no âmbito escolar. Além disso, ao reunirmos tanto os valores de prevalência quanto fatores associados à ansiedade no público adolescente, acreditamos que poderá contribuir para a prevenção e manejo clínico desse desfecho.

REFERÊNCIAS

ALONZO, Rea et al. "Interplay between social media use, sleep quality, and mental health in youth: A systematic review." **Sleep medicine reviews** vol. 56 (2021): 101414. doi:10.1016/j.smrv.2020.101414.

ALSAMGHAN, Awad Saeed. Social anxiety symptoms and quality of life of secondary school students of Abha, Saudi Arabia. **The Journal of Genetic Psychology**, v. 182, n. 1, p. 18-30, 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BAPTISTA, Makilim Nunes; SOARES, Thiago Francisco Pereira. Revisão integrativa da ansiedade em adolescentes e instrumentos para avaliação na base Scientific Electronic Library Online. **Aval. psicol.**, Itatiba, v. 16, n. 1, p. 97-105, jan. 2017.

BELFER, Myron L. Child and adolescent mental disorders: the magnitude of the problem across the globe. **Journal of child psychology and psychiatry**, v. 49, n. 3, p. 226-236, 2008.

CARNEIRO, Rithianne. et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **SANARE – Revista de Políticas Públicas**, 14(1), 104-108, 2015.

CARTER, Tim et al. "The effect of physical activity on anxiety in children and young people: a systematic review and meta-analysis." **Journal of affective disorders** vol. 285 (2021): 10-21. doi:10.1016/j.jad.2021.02.026.

CATALDO, Ilaria et al. "Social Media Usage and Development of Psychiatric Disorders in Childhood and Adolescence: A Review." **Frontiers in psychiatry** vol. 11 508595. 13 Jan. 2021, doi:10.3389/fpsy.2020.508595

CUNHA, Andreia de Medeiros. Transtornos mentais na adolescência. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 2, n. 4, p. 310-310, 2021.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 9-12, 2014.

GOMES, Marta Sofia Meireles Ribeiro. **Impacto do Sars-Cov2 na saúde mental dos adolescentes: revisão sistemática da literatura**. Dissertação de Mestrado: Escola Superior de Saúde de Viseu, 2022.

GÓMEZ-RESTREPO, Carlos et al. Trastornos depresivos y de ansiedad y factores

asociados en la población de adolescentes colombianos, Encuesta Nacional de Salud Mental 2015. **Revista Colombiana de Psiquiatría**, v. 45, p. 50-57, 2016.

GONÇALVES, José Carlos; SAMPAIO, Ariadne Gomes Patrício. Estudo dos fatores determinantes de transtornos mentais em adolescentes: revisão sistemática. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Vol. 3(9), pp. 55-59, 22 de Abril, 2016.

GORE, Fiona M. et al. Global burden of disease in young people aged 10–24 years: a systematic analysis. **The Lancet**, v. 377, n. 9783, p. 2093-2102, 2011.

ISLAM, Md Saiful et al. Prevalence of depression, anxiety and associated factors among school going adolescents in Bangladesh: Findings from a cross-sectional study. **PLoS One**, v. 16, n. 4, p. e0247898, 2021.

KHAZAIE, Habibolah et al. Prevalence of psychiatric disorders and associated factors among the youth in Ravansar, Iran. **Archives of Iranian Medicine**, v. 22, n. 8, p. 435-442, 2019.

KINRYS, Gustavo; WYGANT, Lisa E. Transtornos de ansiedade em mulheres: gênero influencia o tratamento?. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 27, p. s43-s50, 2005.

KURINGE, Evodius et al. Prevalence and correlates of depression and anxiety symptoms among out-of-school adolescent girls and young women in Tanzania: A cross-sectional study. **PLoS One**, v. 14, n. 8, p. e0221053, 2019.

MADASU, Swapna et al. Prevalence and determinants of anxiety disorders among adolescents in a rural community from northern India. **Asian journal of psychiatry**, v. 43, p. 137-142, 2019.

MEKURIA, Kindie et al. High magnitude of social anxiety disorder in school adolescents. **Psychiatry journal**, v. 2017, p. 5643136, 2017.

PATEL, Vikram et al. Mental health of young people: a global public-health challenge. **The Lancet**, v. 369, n. 9569, p. 1302-1313, 2007.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **El embarazo y el aborto en la adolescencia**. Ginebra: OMS; 1975.

PANDA, Prateek Kumar et al. Psychological and behavioral impact of lockdown and quarantine measures for COVID-19 pandemic on children, adolescents and caregivers: a systematic review and meta-analysis. **Journal of tropical pediatrics**, v. 67, n. 1, p. fmaa122, 2021.

PENG, Xiaodan et al. Prevalence and associated factors of depression, anxiety and suicidality among Chinese high school E-learning students during the COVID-19 lockdown. **Current Psychology**, p. 1-12, 2022.

POLANCZYK, Guilherme V. et al. Annual research review: A meta-analysis of the worldwide

prevalence of mental disorders in children and adolescents. **Journal of child psychology and psychiatry**, v. 56, n. 3, p. 345-365, 2015.

QI, Han et al. Prevalence of anxiety and associated factors for Chinese adolescents during the COVID-19 outbreak. **Psychiatry and clinical neurosciences**, v. 74, n. 10, p. 555–557, 2020.

RACINE, Nicole et al. “Global Prevalence of Depressive and Anxiety Symptoms in Children and Adolescents During COVID-19: A Meta-analysis.” **JAMA pediatrics** vol. 175,11 (2021): 1142-1150. doi:10.1001/jamapediatrics.2021.2482

SADOCK, B.; SADOCK, V.; RUIZ, P. **Compêndio de Psiquiatria: Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica**. (11ª ed.) Porto Alegre: Artmed Editora, 2017.

SANTOMAURO D. F. , et al. Global prevalence and burden of depressive and anxiety disorders in 204 countries and territories in 2020 due to the COVID-19 pandemic. **The Lancet**. 2021;398(10312):1700–1712. doi: 10.1016/S0140-6736(21)02143-7.

SAWYER, Susan M. et al. The age of adolescence. **The Lancet Child & Adolescent Health**, v. 2, n. 3, p. 223-228, 2018.

CHIU, Kenny et al. “Prospective associations between peer functioning and social anxiety in adolescents: A systematic review and meta-analysis.” **Journal of affective disorders** vol. 279 (2021): 650-661. doi:10.1016/j.jad.2020.10.055

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Integrative review: what is it? How to do it?. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.

THIENGO, Daianna Lima; CAVALCANTE, Maria Tavares; LOVISI, Giovanni Marcos. Prevalência de transtornos mentais entre crianças e adolescentes e fatores associados: uma revisão sistemática. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 63, p. 360-372, 2014.

WHO (WORLD HEALTH ORGANIZATION). **The World Health Report 2001: Mental health: new understanding, new hope**. 2001.